

A Influência da Internet nas Variações Linguísticas

Junior Scaramal¹, Alessandro Kraemer²

¹Colégio Estadual Antônio Dorigon, Departamento Docente,
CEP 85200-000, Pitanga, Brasil
jr_scaramal@hotmail.com

²Universidade Tecnológica Federal do Paraná, Coordenação de Internet,
Caixa Postal 15.064, Campo Mourão, Paraná, Brasil
kraemer@utfpr.edu.br

Resumo. A Internet vem transformando a comunicação e ao mesmo tempo vem impactando na forma culta de escrita. Muitas pessoas utilizam uma linguagem para se comunicar na Internet e outra para se comunicar com o mundo fora dela, o mundo real. Para os jovens, a compreensão da importância da forma culta de escrita vem sendo deixada de lado, em favorecimento dos símbolos e das abreviações que surgem em ferramentas de bate-papo. Nem sempre essas pessoas têm o discernimento da língua que estão utilizando. O objetivo deste trabalho é abordar a necessidade de comunicação que essas pessoas têm, contextualizando a variação linguística utilizada no computador e o papel da escola em relação a essa contextualização.

Palavras-chave: Internet, *Chat*, impacto na língua.

1 Introdução

A Internet configura uma nova era, a era da tecnologia, da criação de redes de relações interpessoais. Pensando em uma formação plena que considere a realidade dos alunos de ingresso no ensino superior, percebeu-se a necessidade de se investigar a influência da Internet no vocabulário desses jovens. O uso dessa linguagem peculiar, no entanto, já começa a influenciar a escrita de adolescentes em sala de aula e preocupa os educadores.

É importante investigar os gêneros digitais e seu efeito sobre a linguagem, assim como o papel da linguagem nessas tecnologias, observando as peculiaridades dessa nova forma de comunicação e as suas implicações na Língua Portuguesa [1].

Os gêneros digitais estabelecem novas relações entre os sujeitos e a linguagem [2]. Esta situação dialógica virtual inédita traz um fenômeno crescente e para alguns, muito preocupante, a ortografia digital.

A comunicação linguística precisa apoiar-se constantemente no conhecimento de várias coisas que não são linguísticas, ou seja, em informações gerais sobre o mundo [3]. Quando um internauta envia uma mensagem, o receptor tem de colocar em jogo seu conhecimento de mundo, localizar a parte desse conhecimento que é relevante para a compreensão do discurso eletrônico e construir pontes de sentido que amarram

o texto, fazendo dele uma unidade. É fato que os jovens interagem utilizando uma linguagem peculiar [3].

Percebe-se, no entanto, que há uma certa resistência dos professores em estudar, desconstruir e procurar entender a influência da comunicação *on-line* na vida desses jovens. Dessa forma surgem os questionamentos: Essa influência é tão negativa assim para ser ignorada nas universidades? Essa linguagem é prejudicial à Língua Portuguesa? E quanto a essa prática de interação, o que ela sinaliza em termos de relacionamento?

A universidade, como espaço de contextualização da realidade, não pode ficar alheia a esta tendência, sendo que não se trata de defender ou condenar esta nova linguagem, mas de considerá-la, de se pesquisar sobre ela e conscientizar os alunos, tanto do seu uso no espaço adequado, como da necessidade de interação real, com pessoas reais.

Este trabalho tem como objetivo observar as variações linguísticas mediante a realização de uma pesquisa em campo, envolvendo *chat* e alunos do ensino médio – potenciais universitários. Contudo, no primeiro momento deste trabalho são explorados os conceitos que levam as pessoas à comunicação via Internet. A terceira seção explora as variações linguísticas e a linguagem utilizada no computador. Na terceira seção são analisados os resultados da pesquisa realizada em campo. O que se deseja com este experimento é destacar a forma da linguagem utilizada e o perfil desses jovens na comunicação. Por fim, são exploradas as funções da universidade neste novo contexto de comunicação.

2 A Necessidade do Dialogo

No contexto atual de globalização, sobrecarregado de informações, de transformações a cada momento, a Internet é uma opção que favorece a comunicação.

O “teclar” (tc), que nada mais é que conversar com alguém pelo computador, tem sido uma prática não só dos jovens, mas de pessoas de todas as idades. A influência da Internet na língua portuguesa é muito maior do que apenas a contribuição vocabular [4]. Os ambientes de comunicação virtual, como as salas de bate-papo, são caracterizados pelo uso de uma nova variedade da língua portuguesa, repleta de abreviações, gírias e *emoticons* (símbolos que representam sentimento), sem respeito às normas ortográficas.

A linguagem é um fato social e sobrevive às convenções sociais que são admitidas por ela [5]. Os jovens estão falando da mesma forma que seus amigos, e se entendem, é por isso que essa linguagem criada por eles é especial, ela retrata a fala. Eles agem como se estivessem conversando e não escrevendo, a linguagem tem de ser rápida, escrita de forma concisa e abreviada.

Antes da invenção da imprensa, o trabalho de divulgação e reprodução do conhecimento era feito pelos monges copistas, nos mosteiros medievais [4]. A tarefa árdua da cópia fez com que se desenvolvesse o hábito das abreviações. Não havia tratado ou convenção regendo as abreviações, elas eram decorrentes da intuição do copista, e por isso, variáveis.

Da mesma forma, essa comunicação abreviada ocorre em ferramentas atuais, como o MSN (Mensageiro de Rede), onde a escrita é comumente abreviada, pois existe a necessidade de economia de tempo.

Os usuários determinam a forma, os termos e as expressões que vão se adaptando a nossa língua, antes desconhecidos, mas hoje já estão presentes nas falas do dia-a-dia. O verbo “deletar” é um exemplo disso. De repente, percebe-se que os usuários estão incorporando em seu vocabulário o que todo mundo está falando.

Da mesma maneira acontece com o “teclar”. Há resistência, primeiro acha-se um absurdo que alguém converse por meio do computador utilizando uma linguagem tão diferente. De repente, o internauta se vê “teclando” com alguém, e continua resistindo, usando acentos, pontos de exclamação, interrogação, mas quando se depara com um jovem de pensamento acelerado do outro lado do computador, a linguagem padrão não dá conta de transmitir seus pensamentos. É comum se render ao estilo e começar a usar a linguagem própria deles, com suas especificidades, características, seus recursos, como caretinhas (conhecidas como *emoticons*), símbolos e abreviaturas.

As pessoas começam a navegar na Internet em busca do novo, de algo que lhes dê satisfação. A expressão do sentimento se dá pelo bate-papo virtual. Muito mais simples que o contato físico. No mundo virtual, as pessoas transmitem o que querem e, de certa maneira, são o que querem.

A Internet é um ponto de fuga das frustrações do mundo real, assim como também pode ser um meio de tentar difundir o consumismo e informações que de nada têm a contribuir com uma vida saudável. O fato é que na Internet os jovens encontram um ponto de fuga da realidade. Um ponto de fuga comum é, por exemplo, um encontro na casa de amigos. Na Internet, o encontro para bate-papo é um ponto de fuga virtual, reunindo amigos ou pessoas que transmitem afetividade por meio da escrita. Embora pareça ser muito interessante conhecer a essencialidade das pessoas, na Internet é preciso estar ainda mais atento, pois as pessoas podem se aproveitar deste recurso para serem até o que não são, extrapolando a natureza da pessoa.

3 Variações Linguísticas e a Linguagem Utilizada no Computador

A língua não é uniforme [6]. Ela apresenta formas variadas, há falares diferentes dentro de uma mesma língua. Uma língua, na verdade, é um conjunto de variedades, próprias de determinada região, de um grupo de falantes.

Todo falante interage de acordo com a sua realidade, o seu meio, o seu grupo social. Como a língua portuguesa é falada em muitos lugares, de diferentes formas por diferentes pessoas, apresenta vários dialetos que não são formas corretas ou erradas de se falar, mas diferentes.

Somos monolíngues de um dialeto: falamos de determinada maneira. Mas somos ouvintes políglotas de todos os dialetos de nossa língua [8]. Interagimos com outras pessoas que possuem dialetos diferentes dos nossos e nos entendemos.

Portanto, a nova maneira dos jovens se comunicarem não é certa e nem errada, mas sim uma nova forma de se entender. No contexto da Internet as pessoas usam uma linguagem adaptada à sua necessidade, como à urgência de informações, à pressa.

O importante é compreender a estrutura da língua e, ao usá-la, ser capaz de optar pela forma mais adequada a um determinado contexto. Certamente há de se diferenciar a função da linguagem e o seu uso adequado, ou ainda, a linguagem falada e a escrita.

O Português está sujeito à variação, como acontece em todas as línguas. A língua varia de acordo com a região, de acordo com os falantes, conforme o canal utilizado: celular, Internet ou telefone.

É preciso enxergar na língua muito mais do que simplesmente erros, acertos de gramática e sua terminologia [9]. Com o passar do tempo, tudo muda, só não muda o jeito de ensinar? de dar aulas? de se conceber a Língua?

Ainda hoje o ensino de muitas escolas está voltado para a gramática, desconsiderando a língua como elemento que confere identidade às pessoas [10]. Há professores que não sabem em que língua e história estão intimamente inseridos. Soma-se o fato de que para alguns professores um texto que se distânciava do formal é considerado errado. Muitos professores ainda se atêm aos livros didáticos, às frases soltas, ao invés de produzirem textos com os alunos, de estudar a língua em movimento, em funcionamento e, principalmente, deixam de considerar o objeto de estudo da Língua Portuguesa: o texto [10]. É evidente que a prática considerada culta é importante, mas não se pode negar outras formas de comunicação.

Contudo, as expressões utilizadas na Internet não impedem o crescimento e, nem tampouco, estão empobrecendo a língua. A questão principal é simplesmente saber onde e quando usar esta linguagem.

A linguagem utilizada no computador está relacionada aos condicionamentos de tempo e espaço impostos à interação [4]. Abreviar as palavras, sempre que possível, resulta em economia de espaço e de tempo, pois as interações virtuais síncronas dependem da agilidade e rapidez do internauta. O uso de letras maiúsculas significa que o internauta está GRITANDO. A pontuação é praticamente abolida porque é desnecessária.

Ao entrar no mundo virtual deixa-se de lado muitas das regras impostas pela sociedade, normas e leis que confundem e muitas vezes inibem o ato de escrever. Na Internet escreve-se abreviado, rápido e resumido. O que para uns é indecifrável, para os outros é o jeito mais simples de colocar para fora o que eles estão sentindo, até um *emoticon* triste expressa que não estão bem, ou então quando riem, a maneira mais fácil de escrever é “rsrsrsrs” (risos) ou um *emoticon* sorrindo, depende da criatividade de cada um.

A informática tem um papel mais que profissional e executivo, ela favorece a comunicação, proporcionando formas diferentes de expressar sentimentos e emoções. Estas são necessidades que sempre estão presentes na vida das pessoas. O computador é a ferramenta e a linguagem é a expressão do ser no seu estado mais natural, sem grandes preocupações.

4 Experimento de Bate-Papo na Internet com Potenciais Universitários

Este experimento consiste em reunir 60 alunos em uma sala de bate-papo na Internet e gravar as escritas realizadas por eles. Por fim, o texto será analisado com o objetivo de observar as variações linguísticas.

Os alunos são do curso Técnico em Informática, do Colégio Estadual Antônio Dorigon, localizado na cidade de Pitanga/PR, potenciais universitários. Para tanto, foi utilizado um laboratório de informática com computadores com acesso a Internet, onde os alunos interagiram com outras pessoas (da mesma turma ou com pessoas externas) por meio do serviço de bate-papo – o *chat*.

Embora tenha sido uma pesquisa reduzida/pontual, ela já permite observar diversas variações linguísticas. Se lhes fosse solicitada uma atividade de redação de texto, certamente não teriam se soltado tanto. Ao mesmo tempo, é importante que eles entendam que o contexto formal também é importante. Esses esclarecimentos devem fazer parte da escola moderna, do professor atualizado. Não há como ignorar a tecnologia. Esses problemas devem ser debatidos em sala de aula e em reuniões de colegiado.

Conforme se observa na Figura 1, o tempo registrado da conversa demonstra que eles têm uma necessidade de rapidez na digitação. Assim, se compreende a necessidade das abreviações. Também é possível observar que eles têm a necessidade de conversar com mais de um colega ao mesmo tempo.

```
(04:07:22) Lucas entra na sala...
(04:07:23) novinha fala para Todos: oi
(04:07:26) sa fala para gata100gato0: vc q tc
(04:07:32) Lucas fala para Todos: e ai blz
(04:07:34) linda fala para Todos: oi
(04:07:42) novinha fala para Fael: sim
(04:07:46) sa fala para gata100gato0: vc tem msn
(04:07:49) bibi (reservadamente) fala para Lucas: oii
(04:07:53) gata100gato0 fala para sa: vc tem cam
(04:08:07) sa fala para gata100gato0: me add
(04:08:07) chocolate fala para Amandinha: oi gata
(04:08:09) tamaraa entra na sala...
```

Fig. 1. Bate-papo entre alunos durante o experimento.

Observa-se também que muitos se apresentam com apelidos. A princípio, parece ser uma outra língua. Nota-se que é uma forma de comunicação bastante reduzida. Os alunos relataram que ganharam tempo utilizando esse tipo de escrita, que se tem uma maior facilidade na digitação das palavras, pois não precisam acentuar, aplicar cedilha, entre outras regras. A desvantagem é que alguns deles acabam levando esse tipo de escrita para contextos formais, onde deveriam usar a norma culta do português, desagradando os professores. Isto ocorre quase naturalmente, se transformando em hábito.

O uso *Chat*, por ser produzido via computador, tem como suporte uma escrita reestruturada, diferente da norma culta e também diferente do que ocorre em uma

conversação realizada face a face [11]. Geralmente, no *chat* são usados períodos curtos e simples, com marcas de envolvimento entre os interlocutores, alto grau de informalidade e descontração, assim como a presença de marcadores conversacionais.

Os enunciados deste novo contexto, portanto, por serem breves e concisos, são expressos através de uma escrita abreviada, sem muitas preocupações com aspectos normativos. Gestos e expressões faciais próprias de uma interação face a face são substituídos pelos interlocutores do *chat* por meio de símbolos próprios, que são criados ou copiados a cada momento.

Por ser extremamente curto, o tempo transcorrido entre um pensamento e a escrita de uma palavra e sua visualização, o interlocutor precisa de destreza e uma grande agilidade no momento em que está "teclando". As principais abreviações adotadas estão representadas na Tabela 1, abaixo.

Tabela. 1. Principais reduções identificadas no bate-papo.

Redução	Significado	Redução	Significado	Redução	Significado
Acuma?	Como?	Falou, Falow, T+, T lá	Até logo	Tbm	Também
Aki	Aqui	IXI, OXI, PUTZ	Usado em exclamações	Pêra	Espera
Beijaum	Beijão	Ki ki tá acontecendo?	O que está acontecendo?	Add	Adiciona
Bijins	Beijos	Kirida	Querida	Poko	Pouco
Blz	Beleza	Naum	Não	Pq	Por quê?
Buaa, Buee, Chuif, Sniff	Choro, tristeza	Qdo	Quando	Xau	Tchau
Hahaha, Hehehe, Hihihi	Risada	Qto	Quanto	Td	Tudo
Cd, kd	Cadê?	Tc	Teclar	D+	Demais
Ctafim?	Você está afim?	Você, cê	Você	Ctaí?	Você está aí?

Eventuais problemas de digitação e equívocos no uso padronizado da língua aparecem no texto do *chat* com uma frequência considerável. Esses “erros” podem ser transformados em novos símbolos de conversação. Embora os erros de digitação sejam marcas de enunciados, o apagamento de uma série de constituintes da oração, como o sujeito e o verbo, o excesso de pontos de interrogação e exclamação, a ausência de sinais de pontuação e acentuação, não chegam a comprometer a compreensão dos mesmos. Além disso, o uso dos *emoticons* contribui no processo de compreensão dos enunciados, uma vez que se caracterizam enquanto ícones que traduzem as emoções de um interlocutor ao outro.

O *chat* pode ser classificado como um gênero textual, na medida em que a expressão gênero textual se refere aos textos materializados que apresentam

características sócio-comunicativas definidas por conteúdos, propriedades funcionais e estilo, sendo composto por seqüências tipológicas de base [1]. Sendo assim, quando se nomeia certos textos como narrativos, descritivos ou argumentativos, o gênero não está sendo nomeado, e sim, o predomínio de um tipo de seqüência de base.

5 Funções da Universidade

Considerando que é função da universidade colocar o aluno em contato com a língua culta, a norma padrão, nada mais acertado que aproveitar a prática de escrita dos jovens nos espaços *on-line* para refletir sobre os usos da língua, sobre sua função social e formal.

Quanto a essa nova forma de escrita, as formas de comunicação vivem se arranjando, ou seja, nossa língua é uma língua em movimento [12]. Portanto, a Língua Portuguesa não deve entrar em conflito com a língua utilizada na Internet.

Dadas as dimensões, a Internet não pode ser ignorada, pois a linguagem da Internet também está sujeita a regras, convencionalizadas pelo uso, nos novos gêneros discursivos que surgem no ambiente virtual, como o *chat*, fórum, lista de discussão, *messenger*, *blogs*, etc [4]. Cabe ao professor integrar a linguagem da Internet ao contexto das variedades sócio-estilísticas da língua, fazendo as correlações entre a norma e o uso da língua.

Alguns educadores posicionam-se favoravelmente à inclusão da nova variedade linguística dos conteúdos de língua portuguesa. A escola deva valorizar também a linguagem codificada que os alunos usam ambientes de comunicação virtual, porém, mostrando as diferenças de uso de acordo com contexto [13].

Assim como uma tese exige linguagem formal e um bate-papo, descontração, a comunicação na Internet precisa de códigos e sinais mais rápidos e curtos para que façam parte do contexto. Gírias com os amigos e abreviaturas no computador são adequadas em determinadas situações comunicativas. Em um currículo, ou carta comercial, a norma padrão é requisitada. Não se pode deixar a norma culta de lado.

6 Considerações Finais

A norma culta deve continuar sendo objeto de estudo. A sala de aula deve ser o espaço para desenvolvimento da capacidade intelectual e linguística dos alunos, tendo contato com vários tipos de textos, aproveitando o convívio de várias camadas sociais, das mais diversas variantes linguísticas e culturais.

É fundamental que as pessoas possam observar as especificidades da oralidade e da escrita, sendo capaz de expressar-se com segurança e fluência nos diferentes contextos. É preciso ter conhecimento de que a língua é algo vivo e em constante processo de evolução. Os falantes determinam sua forma, não devendo ser objeto de discriminação social, mas sim vista como manifestação do “diferente”.

É preciso ainda considerar que as desigualdades sociais impediram que milhões de brasileiros, hoje adultos trabalhadores, frequentassem ou concluíssem sua escolarização básica na idade correspondente. As desigualdades sociais também

impedem que milhões de jovens oriundos das camadas populares, e filhos de trabalhadores ingressem e concluam a sua escolarização básica. Esta condição os empurra ao mundo do trabalho antes mesmo de concluída a primeira etapa da escola básica [14].

Estes mesmos sujeitos não devem ser excluídos do mundo tecnológico. A informática já está democratizada nas escolas. É comum observar que alguns jovens conseguem usar a Internet para bate-papo, mas não conseguem utilizar um editor de texto. O uso da Internet é um importante recurso convidativo dessas classes. Portanto, é um recurso que deve ser considerado na formação escolar, apresentado como uma atração, mas objetivando aprimorar os conhecimentos em diversos níveis.

O que se espera é que o uso da tecnologia seja contextualizada, repensada, realizando um ensino significativo, partindo de uma prática incentivadora.

Referências

1. Marcuschi, L. A.: Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In Hipertexto e Gêneros Digitais - Novas Formas de Construção de Sentido. Lucerna, Rio de Janeiro, pp. 13-67 (2004).
2. Caiado, R.: A notação escrita digital influencia a notação escrita escolar. In Alfabetização, Leitura e Escrita – GT 10. ANPED, Rio de Janeiro (2006).
3. Perini, M. A.: Sofrendo a gramática: ensaios sobre a linguagem. Ática, São Paulo, 4ª Edição (2007).
4. Freitag, R. M. K. e Silva, M. F.: Uma análise sociolinguística da língua utilizada na internet: implicações para o ensino de língua portuguesa. Revista Intercâmbio, LAEL/PUC-SP, vol. XV, São Paulo (2006).
5. Cagliari, L. C.: Alfabetização e Linguística. Scipione, São Paulo (2001).
6. Santos, D. G. e Gomes, A.: Considerações acerca do Internetês. Revista Ensino e Pesquisa, vol. 1, nº 5, IEPS, União da Vitória, pp. 41-50 (2008).
7. Geraldini, J. W.: Portos de Passagens. Martins Fontes, São Paulo (1991).
8. Silva, M. R. G. L.: A hegemonia do inglês na identidade do brasileiro. In XI Simpósio Nacional de Letras e Linguística, UFU, Uberlândia, pp. 2049-2056 (2006).
9. Antunes, I.: Muito além da gramática: por um ensino de línguas sem pedras no caminho. Parábola Editorial, São Paulo (2007).
10. Orkut, afetividade e produção de textos na escola, <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/910-4.pdf> (2008).
11. Marchi, A. C. B.; Rabello, R. S.; Alban, A.; Cerbaro, V. A. Bordignon, J. M.: Monitorando a comunicação na CV-Muzar com o uso de agentes inteligentes. Revista Brasileira de Computação Aplicada, vol. 2, nº 1, Passo Fundo, pp. 57-68 (2010).
12. Posseti, S.: Você entende Internetês?. Revista Discutindo Língua Portuguesa, vol. 1, nº 2, Escala Educacional, São Paulo, pp. 28-33 (2006).
13. Ramal, A. C.: Educação na cibercultura: hipertextualidade, leitura, escrita e aprendizagem. Artmed, Porto Alegre (2003).
14. Filho, D. L. L.: Educação de Jovens e Adultos e Mundo do Trabalho: elementos para discussão da reconfiguração do currículo e formação de educadores. In II Seminário Nacional de Formação de Educadores de Jovens e Adultos. Ministério da Educação/UNESCO, Brasília, pp. 119-130 (2008).